

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Magali Capeletti

PROFESSOR, UMA POSTURA AFETIVA:

laços e enlaços da sala de aula

SAPIRANGA

2º SEMESTRE

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Magali Capeletti

PROFESSOR, UMA POSTURA AFETIVA:

laços e enlaços da sala de aula

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção de título de LICENCIATURA EM PEDAGOGIA da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Jaime José Zitkoski.

Tutor: Prof. Gerson Luiz Millan

SAPIRANGA

2º SEMESTRE

2010

Dedico este trabalho ao meu esposo Orlando,
que esteve presente em todos os momentos do curso,
auxiliando-me e acreditando em mim e no meu potencial.

Aos meus filhos, Mateus, Leonardo e Tiago
que foram de certa forma os agentes do tema de meu trabalho.

A meus pais que me deram a vida, guiaram e educaram.

A minha madrinha Grace, que guiou meus primeiros passos
no caminho da informática e das leituras.

A minhas colegas que de uma forma ou de outra dividiram comigo
expectativas, anseios e sonhos.

Aos professores e principalmente aos tutores,
que foram agentes de afeto e
sempre estiveram presentes e prontamente me auxiliaram.

E, finalmente a todos aqueles que de uma forma ou
de outra acreditam e tem esperança num mundo mais humano,
fraterno e pacífico.

*"Ainda que eu falasse a língua dos homens
e falasse a língua dos anjos,
sem amor eu nada seria..."*

Monte Castelo - Legião Urbana

RESUMO

A afetividade em sala de aula e suas implicações em relação aos alunos e a comunidade escolar em que estão inseridos é o tema deste trabalho. O objetivo geral foi verificar se haveria uma mudança de postura em alunos de uma determinada turma rotulados ao longo dos anos como indisciplinados, uma vez que sofressem intervenções de uma pedagogia afetiva, na qual a proposta foi de estabelecer relações de afeto, resgatar a auto-estima, bem como proporcionar uma forma distinta de vivenciar a realidade, valorizando a si mesmo e ao outro perante o grupo, desequilibrando conceitos preconceituosos existentes. O propósito foi também o de provar que quando existe respeito, diálogo, humildade, e, sobretudo amor, mudanças efetivas de comportamento acontecem.

Palavras chave: Afetividade. Mudança. Diálogo. Amor.

ABSTRACT

The affection in the classroom and its implications for students and school communities in which the live is the theme of this work. The overall objective was to determine if there was a shift from students of a particular class over the years labeled as unruly as it suffered a pedagogy of affective interventions, in which the proposal was to establish relations of affection, self-rescue, esteem, as well as providing a different way of experiencing reality, valuing oneself and the other before de group, upsetting existing concepts prejudices. The purpose was also to prove that when there is respect, dialogue, humility, love and above all, effective changes in behavior occur.

Keywords: Affection. Changing. Dialogue. Love.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	QUEM É O ALUNO NO ESPAÇO ESCOLAR?.....	11
2.1	Como é a minha escola?.....	11
2.2	Como são meus alunos?.....	13
2.3	O papel da escola na sociedade atual.....	14
3	A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: sob o olhar da afetividade.....	16
3.1	Dialogando com os Mestres.....	16
3.2	Legalmente falando:.....	18
4	ONDE ANDAM OS SENTIMENTOS?.....	20
4.1	Relações entrelaçadas na sala de aula.....	22
4.2	Limites & Afetividade.....	26
5	CRESCENDO COM A CONVIVÊNCIA.....	29
5.1	Estratégias de manifestação de afeto.....	30
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
	REFERÊNCIAS.....	41
	ANEXO A - Letra da música: Esperando na Janela- Cogumelo Plutão.....	44
	ANEXO B – Exemplo de texto.....	46
	ANEXO C – Letra da música: Gentileza – Marisa Monte.....	47

1 INTRODUÇÃO

Ao entrar em sala de aula todo o professor almeja o melhor para seus alunos, que a aula deste dia seja a melhor e que os alunos aproveitem-na integralmente, relacionando aprendizados, tendo novos conhecimentos e experiências, enfim que seja uma aula fabulosa para todos. Eu não sou diferente, almejo essas aulas do mesmo modo que todos meus colegas.

Da mesma forma, creio que os alunos vêm à escola com vontade de aprender novos conhecimentos, de serem desafiados, valorizados em todo seu potencial, que consigam ter sucesso nesse novo dia, ambicionam dar certo.

Minha pergunta sempre foi o que acontece pelo caminho que esses desejos não se realizam? Porque vemos professores e alunos cada vez mais frustrados uns com os outros? As expectativas foram muitas? As exigências em torno da escola/educação, alunos/professores estão muitas? Ou nosso discurso está demagógico e não atinge os alunos, estamos distantes demais da realidade deles e de seus interesses, valorizamos os conteúdos, os programas e não os indivíduos que estão a nossa frente estes por sua vez se fecham em suas casquinhas deixando o discurso fluir sem interagir, sem comoção, que dirá de acomodação, compreensão, aprendizado.

O que acontece nas relações entre professores e alunos, o que está nessa linha de convivência, que em muitos casos é simplesmente obrigatória, sem laços, sem envolvimento, pessoas convivem, mas são estranhas, alheias umas às outras. Existem situações em que notamos antipatia, situações em que aluno e professor parecem inimigos entrincheirados aguardando ataques para realizar suas defesas. E não sujeitos engajados numa luta social que é a formação integral do ser.

O ser humano é geneticamente um ser social, que necessita da convivência e da aceitação do grupo com o qual vive. Eis que tal sociabilidade se dá em princípio, na família. Tassoni, afirma que:

“Wallon (1978) entende que a primeira relação do ser humano ao nascer é com o ambiente social, ou seja, com as pessoas ao seu redor. As manifestações iniciais do bebê assumem um caráter de comunicação entre ele e o outro, sendo vistas como o meio de sobrevivência típico da espécie humana. Os únicos atos úteis que a criança pode fazer, consistem no fato de, pelos seus gritos, pelas suas atitudes, pelas suas gesticulações, chamar a mãe em seu auxílio. [...] Portanto, os primeiros gestos [...] não são gestos que lhe permitirão apropriar-se dos objetos do mundo exterior ou evitá-los, são gestos dirigidos às pessoas, de expressão. (TASSONI, 2009,p. 201).

Para Frischenbruder:

A natureza gregária do ser humano é algo incontestável. Desde o primeiro grupo do qual fizemos parte – a família – estamos em intensa relação com os outros: pais, irmãos, avós, tios, etc. Constituímo-nos como seres humanos através do investimento afetivo que recebemos do outro; é este que permite que possamos abandonar a condição animal e assumir a essência humana. Nesta convivência desenvolvemos vínculos que se renovam e se ampliam durante nossa existência e que formam a base para a constituição dos novos grupos. (FRISCHENBRUDER, 2002, p.141)

Na escola, que é em muitos casos, o segundo grupo social que a criança convive, esta convivência se dá inicialmente com colegas que são da mesma idade e neste caso as trocas, os diálogos, são entre iguais o que teoricamente deveria ser enriquecedor, conflitante talvez, mas que contribuísse para as formações particulares, mas em muitos casos, essa convivência é marcada pela agressividade muito mais que pela amizade. Convivem também com professores, os quais nos anos iniciais, são objetos de veneração e amor por parte da criança. Se nessa convivência as relações forem de desafeto, inseguras, frustrantes, coléricas, como essas crianças irão perceber suas relações nos grupos seguintes? Um aluno que não consegue relacionar-se bem na escola, que é marginalizado por esta escola, em muitos casos será o jovem marginalizado e o adulto frustrado, desconfiado, com baixa auto-estima.

O sucesso escolar é premissa para aceitação própria e conseqüentemente dos familiares e pessoas de convívio com os alunos, e se as situações são de repetidos fracassos, de insucesso, certamente haverá baixa auto-estima, falta de interesse, pouca capacidade de concentração, e conseqüentemente novos fracassos, tornando-se assim uma cadência de fracassos. As pressões sofridas advindas do início da carreira escolar são de muita pressão, conforme Dias: “existe uma série de distorções que devem ser analisadas uma vez que nos primeiros anos de escola a criança passa a vivenciar um processo de pressões.”

Mediante observações e vivências que tenho tido ao longo de minha carreira como professora das séries iniciais, tenho notado que a relação professor/aluno é de influência direta nos resultados em uma turma, ou em casos específicos. Segundo Saltini (1997):

Passamos 25 anos prestando atenção ao professor, sem jamais alguém prestar atenção a nós. Se algum dia algum professor prestou atenção à minha pessoa, valorizo tanto esse ato e me sinto tão contente, que como forma de agradecimento, estudo a matéria dada por ele mais que qualquer outra dada por outro professor. (SALTINI,1997,p.51)

A afetividade é premissa para a aceitação e compreensão, de ambos, uma vez que as situações escolares dependem dos sujeitos que estão envolvidos nelas na mesma proporção; ou seja, os alunos dependem do professor e o professor depende dos alunos. Saltini (1997) afirma que:

...Freire diz ser necessária uma reflexão sobre o homem e uma análise profunda do meio concreto, deste homem concreto a quem desejamos educar - ou melhor, a quem desejamos **ajudar a educar-se**. Nós não educamos, ajudamos as pessoas a se educarem e ao ajudarmos, educamo-nos também. Assim como não existe educador e educando (Osábio e o idiota), pois ambos estão na mesma tarefa, assim também não temos a certeza de onde começa o conhecimento, no professor ou no aluno, pois nenhuma estrutura de conhecimento está terminada. (SALTINI,1997,p.59)

Nesse sentido afirmo que atuando com seres humanos, precisamos ser humildes e aceitar a condição de aprendentes, e também de humanos, interagindo com outros que estão subordinados a nós na situação escolar.

As questões que trouxe para analisar neste trabalho foram as seguintes: Como a afetividade promove mudanças no comportamento do grupo em uma sala de aula? As inter relações dos grupos, na sala de aula são modificadas com afetividade? Que mudanças ocorrem no grupo, em uma sala de aula, quando há relação afetiva? Quais as interferências que a afetividade trás para a relação professor-aluno?

Este trabalho tratasse de uma análise de caso, onde os fatos analisados são referentes a minha turma, sendo minha realidade de trabalho.

Este trabalho está organizado em quatro capítulos; no primeiro capítulo trouxe um pouco da minha realidade escola, onde especifiquei a escola, a turma, e também o papel da escola na atual realidade. O segundo capítulo trata da afetividade em sala da aula, na visão de alguns autores e também de algumas especificações dos Parâmetros Curriculares Nacionais. No terceiro capítulo relato fatos ocorridos e seus desdobramentos em virtude de ações onde priorizei o afeto. O quarto capítulo traz exemplos de situações onde os alunos através de manifestações de afeto demonstraram mudanças que ocorreram em sala de aula através da Pedagogia do Afeto.

2 QUEM É O ALUNO NO ESPAÇO ESCOLAR?

Meus alunos são uma turma agitada, falante, dinâmica e inteligente. Possuem dificuldade de concentrarem-se quando estão realizando tarefas, e algumas vezes durante as explicações.

Gostam de ser desafiados, e mostram bons resultados nesse tipo de atividade. Adoram coisas diferentes, são curiosos e rápidos. Atividades de debates, diálogos, contação de histórias, atividades artísticas, são seu ponto forte.

São alegres, divertidos, certas vezes desafiam-me, desestruturam-me, questionando e criticando situações. O que de certa forma, a primeira vista poderia até parecer desrespeito, por serem diretos e verdadeiros, mas compreendo suas intenções e sei que mostram a mim sua criticidade porque me respeitam e sabem que podem contar comigo.

2.1 Como é Minha Escola?

Minha escola, O Centro Municipal de Educação Érico Veríssimo - Unidade de Ensino Fundamental localizasse na Rua Geraldo José de Almeida, nº 549, Bairro Oeste, Sapiranga, RS, o telefone é 3599 2199. Tem como entidade mantenedora a Prefeitura Municipal de Sapiranga e oferece o Curso- Modalidade: Ensino Fundamental. Funciona nos seguintes turnos e horários: Manhã das 7h20min às 11h20min. Tarde das 13h às 17h 25min e Noite das 18h30min às 21 h45min. O diretor é Nivaldo Gonçalves Neto. Tem aproximadamente 660 alunos, 44 professores e 7 funcionários.

A escola localiza-se num bairro com clientela formada por filhos de operários, originários de corrente migratórias constantes. O tempo de permanência do aluno da Escola é, muitas vezes, abreviado devido à urgência de suprir necessidades básicas de sobrevivência da família por falta de estruturação emocional e educacional dos mesmos.

A comunidade em que se insere é composta por famílias de renda baixa e de instrução de 1º Grau (atualmente Ensino Fundamental). Isto muitas vezes dificulta a compreensão do processo ensino-aprendizagem para seus filhos, quanto aos objetivos a que a Escola se propõe e do seu papel que é importantíssimo no desenvolvimento emocional e cognitivo do mesmo.

O espaço físico interno da escola é reduzido e há uma constante preocupação quanto a segurança dos alunos sendo o recreio dos mesmos atendido por três ou quatro professores.

A Escola possui Laboratório de Informática, com 12 computadores que tem conexão, restrita, com a Internet;

A Escola em seu Plano de Desenvolvimento, que diz o seguinte sobre os valores: Os valores que norteiam a nossa escola são os seguintes:

- 1) Afetividades e Cordialidade- buscamos criar um ambiente de aconchego, estimulando as relações de amizade e carinho, acima das relações técnicas;
- 2) Democracia e Participação- compreendemos a escola como um espaço de trocas e construções coletivas. A democracia e a participação devem ser elementos constitutivos do processo de ensino-aprendizagem de uma escola que estimula a igualdade, a justiça e a transformação;
- 3) Autonomia e Criticidade - temos no nosso horizonte o empenho em construir processos de ensino-aprendizagem que valorizem a justiça e a transformação;
- 4) Diálogo e Solidariedade- incentivamos o diálogo como método para deliberar e buscar soluções para as diferentes situações. Estimulamos a solidariedade como valor indispensável para as relações humanas.
- 5) Excelência- trabalhamos procurando sempre a qualidade e o bem comum.

A Visão de Mundo que trás em seu Plano de Desenvolvimento Escolar (PDE) é:

Nossa escola será reconhecida na comunidade pelo respeito com que lida com as pessoas e pela interação entre todos os segmentos e componentes da escola, onde todos se expressam embasados pelos valores da escola. Visamos ser lembrados como referência ética, através do exemplo e da dedicação com que executamos o nosso

trabalho. A qualidade, o amor ao próximo e o princípio da transformação orientam esse trabalho. (PDE, C.M.E. ÉRICO VERÍSSIMO – U.E.F., 2010).

E sobre a Missão da escola perante a comunidade prevê o seguinte:

A missão que faz com que nossa escola tenha razão de ser é assegurar uma educação voltada para a transformação integral do aluno, tanto acadêmica quanto moral, fazendo com que sua individualidade seja valorizada na integração com o todo. Faz parte na nossa missão, também, garantir a máxima participação da comunidade, fazendo uma forte parceria escola/comunidade. (PDE, C.M.E. ÉRICO VERÍSSIMO – U.E.F., 2010).

2.2 Como é Minha Turma?

Minha turma é a 512, um quinto ano do turno da manhã do Centro Municipal de Educação Érico Veríssimo. Possuo vinte e quatro alunos, sendo que são onze meninas e treze meninos, com idades variadas entre nove e doze anos.

A maioria dos alunos reside em torno da escola e suas proximidades, e seus pais são trabalhadores das indústrias calçadistas e do comércio de Saporanga.

Suas formas de lazer são passeios com familiares, brincar com colegas e vizinhos, e muitos deles frequentam a escola no turno oposto, participando dos projetos artísticos e esportivos que esta oferece que são os mais variados como: cinema/teatro, pintura, violão básico, desenho e histórias em quadrinhos, atletismo, basquete, handebol, Hip-Hop, vôlei, xadrez e futebol.

São alunos alegres, animados, conversadores, dinâmicos, inteligentes e participativos, a maioria deles estuda junto desde o 2º ano. Adoram atividades de diálogo onde podem expressar seus pensamentos e idéias.

Poucos alunos apresentam dificuldades de aprendizado, sendo que alguns casos é por baixa auto-estima, ou por possuírem dificuldades de concentração. Notei quando assumi a turma, atitudes de falta de respeito e agressividade, bem salientes, tanto por parte dos meninos, quanto das meninas.

Observei também que mesmo com toda esta disposição e inteligência, são alunos que não apresentam um rendimento muito bom, por serem distraídos, conversadores e deixarem de realizar as atividades para conversarem, caminharem, passearem pela sala, dando a impressão que o aprendizado não é o mais importante a ser feito na escola.



Esta é minha turma de alunos, alegres, ativos inteligentes.

2.3. O Papel da Escola na Sociedade Atual

A escola mudou sua forma de atuar na sociedade, sendo uma instituição que foi criada por esta sociedade para transmitir conhecimento, e a cada novo ano, vemo-nos mais envolvidos com o compromisso de educar nossos alunos. Houve um tempo em que a preocupação de formação era restritamente cognitiva. Mas hoje somos responsáveis pela formação afetiva também. Segundo Bock, Furtado e Teixeira (2001):

A escola apresenta-se, hoje, como uma das mais importantes instituições sociais por fazer, assim como outras, a mediação entre o indivíduo e a sociedade. Ao transmitir a cultura e, com ela, modelos sociais de comportamento e valores morais, a escola permite que a criança **humanize-se**, cultive-se, socialize-se ou, numa palavra, eduque-se. A criança, então, vai deixando de imitar os comportamentos adultos para, aos poucos, apropriar-se dos modelos e valores transmitidos pela escola, aumentando, assim sua autonomia e seu pertencimento ao grupo social. (BOCK, FURTADO E TEIXEIRA, 2001, p. 261)

Sendo essa formação indistinta uma vez que muito do cognitivo é despertado pelo afetivo, ou seja, são as emoções que influenciam os aprendizados e as dificuldades de aprendizagem.

Quando lidamos com sujeitos que possuem baixa auto-estima, não se reconhecem como indivíduos capazes de aprender, ou não reconhecem qual o significado do aprendizado para eles, esses indivíduos sentem-se cognitivamente inferiores aos demais colegas, e com o lado negativo sendo reforçado, sentir-se-ão incapazes e não aprendentes.

Em minha sala de aula encontrei vários alunos com esse tipo de comportamento, alunos que não acreditavam em si mesmos, que possuíam rótulos de bagunceiros, indisciplinados, a turma se rotulava como a pior da escola.

Que tipo de trabalho realizar então? Nessas falas estavam contidos apelos de socorro, pedidos de ajuda, elas representavam uma forma de chamar a atenção, de serem vistos; e já que não conseguiam serem vistos pelo lado positivo, muitos desses alunos passaram então a reforçar seu lado negativo, com brigas, agressões físicas, palavrões e xingamentos, inclusive à professores de anos anteriores, numa atitude, que eu entendi como sendo uma defesa, uma forma de não se deixar abalar, mas que no fundo revela o quão abalados e perdidos eles estavam.

3 A RELAÇÃO PROFESSOR- ALUNO: sob o olhar da afetividade

Folheando o caderno de minha prática, me dei conta que minhas aulas possuem um adicional: a afetividade.

Meu trabalho teve sempre o objetivo de formar os indivíduos integralmente, atendendo sua formação intelectual a também a formação que chamarei aqui de formação da alma. Talvez soe um tanto profético, catequista, mas vejo-me como uma catequizadora, em muitos casos, não proferindo a Palavra Sagrada, mas fazendo uso dos ensinamentos do Mestre em todos os momentos possíveis.

Um dos mandamentos foi: “Amar o próximo como a ti mesmo.” E tenho este e outros em minha mala de guardados, na nossa herança educacional e profiro-o em palavras, mas principalmente em ações e no exemplo.

3.1 Dialogando com os Mestres

Dessa maneira procurei trazer estudiosos que viessem teorizar minha forma de trabalho e sustentar essa prática que tem trazido consigo muitos benefícios, tanto para os alunos, como para mim sendo professora. Quando fui buscar referência à afetividade, deparei-me com diversos autores que defendem claramente a idéia da importância do desenvolvimento afetivo como co-autor do cognitivo, entre eles destaco Henri Wallon, Jean Piaget, Rubem Alves e Paulo Freire.

Para Wallon (1968), no decorrer de todo o desenvolvimento do indivíduo a afetividade tem um papel fundamental. Tem função de comunicação, nos primeiros meses de vida, onde estabelece os primeiros contatos com o mundo através de outros humanos, e é através destes contatos que se desenvolve, estabelecendo relações com os estímulos, onde, a criança passa de um total sincretismo para um progressivo processo de diferenciação, onde a afetividade está presente, permeando a relação entre ela e o outro, constituindo elemento fundamental na formação de seu caráter.

É através da afetividade que o indivíduo tem acesso ao mundo simbólico, ou seja, é o desejo que possibilitará o aprendizado, e este desejo está relacionado com o afeto. Também, segundo Dantas (1999), a afetividade possibilita o avanço no campo intelectual, pois são os motivos, necessidades e desejos que dirigem o interesse da criança para o conhecimento e conquista no mundo exterior.

Galvão, (1995) fez um estudo sobre a teoria walloniana, onde afirmou que esta teoria possibilitaria uma maior adequação da pedagogia às possibilidades e necessidades infantis, “ favorecendo uma prática de melhor qualidade, tanto em seus resultados como em seu processo.” Galvão (1995, p. 97) Salienta também a importância de atender as necessidades da criança no plano afetivo, cognitivo e motor.

Galvão apud Dantas, 1990, afirma também que: “A ótica walloniana constrói uma criança corpórea, concreta, cuja eficiência postural, tonicidade muscular, qualidade expressiva e plástica dos gestos informam sobre seus estados íntimos.” Sendo assim se conheço meu aluno e reconheço suas reações posso afirmar que está gostando ou não do que está acontecendo, e também que tendo essa possibilidade de observação, posso tornar minha aula prazerosa para esse indivíduo ou não.

Muito da bibliografia de Paulo Freire trás ao leitor um contato com a importância do envolvimento afetivo ao qual busco salientar nesse trabalho, entre muitas afirmações Freire (1997) ressalta que:

...a tarefa do ensinante, que é também aprendiz, sendo prazerosa é igualmente exigente. Exigente de seriedade, de preparo científico, de preparo físico, emocional, afetivo. É uma tarefa que requer de quem com ela se compromete um gosto especial de querer bem não só aos outros, mas ao próprio processo de ela implica. É impossível ensinar sem essa coragem de querer bem, sem a valentia dos que insistem mil vezes antes de uma desistência. É impossível ensinar sem a capacidade forjada, inventada, bem cuidada de amar. [...] É preciso ousar, no sentido pleno desta palavra, para falar em *amor*... (FREIRE, 1997, p.09-10)

Na ótica piagetiana, o afeto desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da inteligência, pois segundo Piaget:

...vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. E são inseparáveis porque todo o intercâmbio com o meio pressupõe ao mesmo tempo estruturação e valorização... Assim é que não se poderia raciocinar, inclusive em matemática, sem vivenciar certos sentimentos, e que, por outro lado, não existe afeição sem o mínimo de compreensão... O ato de inteligência pressupõe, pois uma regulação energética interna (interesse, esforço, facilidade...). (PIAGET, 1997, p. 16)

Reconheço que na obra de Rubem Alves a fala do amor, do amor ao outro, aos alunos, ao mundo, à minha profissão. Ele representa poética e sabiamente, falas que representam meus sentimentos, e muitas vezes, reconheço e encontro-me nela. Em Educação dos Sentidos ele ressalta que:

...frequentemente se aprende uma coisa de que não se gosta por se gostar da pessoa que ensina. E isso porque – lição da psicanálise e da poesia – o amor faz a magia de ligar coisas separadas, até mesmo contraditórias. [...] Pois o mesmo mecanismo acontece na educação. Quando se admira um mestre, o coração dá ordens à inteligência para aprender as coisas que o mestre sabe. Saber o que ele sabe passa a ser uma forma de estar com ele. Aprendo porque amo, aprendo porque admiro. (ALVES, 2005, p. 69-70)

3.2 Legalmente Falando:

A escola deve proporcionar um espaço de reflexão sobre a vida do aluno como um todo, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica e transformadora. Esse processo não deveria dissociar-se da afetividade, a qual é retratada pelos conteúdos atitudinais, em que os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) defendem alguns princípios que deveriam orientar a educação escolar, como dignidade da pessoa humana, o que implica respeito aos direitos humanos, a igualdade dos direitos, a participação como princípio democrático e a co-responsabilidade pela vida social. Desse modo:

Eleger a cidadania como eixo vertebrador da educação implica colocar-se explicitamente contra valores e práticas sociais que desrespeitam aqueles princípios, comprometendo-se com as perspectivas e decisões que as favorecem. Isso se refere a valores, mas também a conhecimentos que permitem desenvolver as capacidades necessárias para a participação social efetiva. PCN (1997, p.25)

Isso mostra que legalmente está ressaltada a importância de trabalhar de forma que se assegure a formação integral do indivíduo, contemplando valores, o respeito mútuo, a justiça, o diálogo e a solidariedade, fazendo com que o aluno seja capaz de respeitar as diferentes formas de expressão e participação, expondo seus pensamentos e opiniões de forma a ser entendido.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais trazem como objetivos gerais do ensino fundamental o seguinte:

A necessidade dos alunos serem capazes de compreender a cidadania como uma participação social e política, adotando atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito. Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva, tendo o diálogo como mediador. Necessidade de conhecer e valorizar a pluralidade sociocultural, posicionando-se contra qualquer discriminação. Desenvolver o sentimento de confiança sobre as capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social para o exercício da cidadania. PCN (1997, p. 107-108).

A afetividade pressupõe um trabalho sensível, de conhecer o aluno em sua totalidade, sua realidade, seus gostos e respeitá-lo em sua individualidade. Incorporar a afetividade ao trabalho docente é de certa forma ambígua, pois ao mesmo tempo em que nos deixa apaixonados pelos alunos suas descobertas, suas conquistas, pode causar também frustração, pois como estamos envolvidos sentimentalmente pelos alunos, nos frustramos com seus insucessos. Assim como podemos proporcionar felicidade, e conseqüentemente ficarmos felizes, estamos sujeitos as frustrações ocasionadas pela infelicidade dos alunos. Contagiamos-nos,

não apenas pela condição humana do sofrimento, mas também por gostar de nossos alunos e nos compadecermos deles.

4 ONDE ANDAM OS SENTIMENTOS?

Existem teorias de que a violência na escola é um reflexo da atual sociedade, pois no momento em que a escola está inserida dentro desta comunidade, reflete o que vem dela, pois os indivíduos são primeiramente sociais, vem de círculos sociais diferentes da escola e no espaço escolar tentem a reproduzir as situações vivenciadas por eles em seu dia a dia.

Durante meus anos de prática em sala de aula, fiz inúmeras descobertas, e posso afirmar que: se uma criança é agredida constantemente, tende a ser agressiva, se ela é humilhada, tende a ter baixa auto-estima, ou a ser indiferente a todas as situações, como forma de se proteger. Se uma criança não é vista pelos pais, ou seja, os pais sabem da sua existência, mas não se dão conta de sua real personalidade, de seu real valor e propósito dentro da família, esta criança tende a ser violenta, e na maioria das vezes são os alunos que mais apresentam problemas de disciplinares na escola. Faço todas essas afirmativas baseada em minhas observações e relações com alunos, pais e responsáveis por eles.

Perante tais constatações é reconhecendo que a escola reflete o que a sociedade impõe, e que a escola tem conseguido ao longo dos anos amenizar a agressividade existente humanizando os indivíduos, educando-os, reprimindo-os.

Acredito que a escola trabalha para que uma barbárie como a provocada pelo nazismo na II Guerra Mundial não se repitam. O professor tem como prioridade formar o indivíduo, torná-lo melhor, educado, para tanto chamamos o processo pelo qual passam na escola de educação.

Observando duas filmagens que tive oportunidade de ver em uma palestra a qual participei, pude comparar a diferença que faz o indivíduo ser educado ou não, o primeiro filme apresentava um documentário sobre meninos que participavam, trabalhando numa boca de fumo, onde revendiam drogas, viviam drogados, roubavam, moravam em barracos, não iam à escola e sofriam todo o tipo que se pode imaginar de abandono, no documentário afirmava um ano depois, apenas um dos meninos entrevistados havia sobrevivido; O outro filme mostrava uma menina canadense que se pronunciou num encontro sobre ecologia que aconteceu no

Brasil, ela falava pedindo às autoridades que não abandonassem o mundo, que parassem de explorar o meio ambiente da forma como vinham fazendo para que seus netos pudessem usufruir da natureza existente no planeta, e que pudessem ter uma vida melhor do que ela.

Pois bem, o que modifica um vídeo de outro? A educação, um dos protagonistas teve educação e os outros não. A escola faz diferença na vida de um indivíduo, porque se não, quem garante que nós estaríamos vivendo como vivemos e o que vivemos se não tivéssemos tido oportunidade de sermos educados e frequentarmos escolas? Acredito que a educação modifica a vida de um indivíduo, e que se as coisas não estão boas, sem escola acredito, estariam muito piores.

Estamos num momento de crise educacional, onde a escola assumiu muitos papéis e não está dando conta de desempenhá-los com qualidade, porque estamos sobrecarregados, existe uma confusão entre educar e ensinar; a escola assumiu os dois papéis, em resposta as necessidades familiares atuais; mas ao mesmo tempo as famílias não delegam autoridade para realizarmos as duas coisas, e também não tem autoridade para impor limites aos seus filhos, nossos alunos.

Essa falta de limites me preocupa, falando das referências que o autor fez a Auschwitz, sobre uma prevenção ao que aconteceu, verdadeiramente, fiquei alarmada com essa referência, pois as fundamentações do autor, quando diz que; “... A única verdadeira força contra o princípio de Auschwitz seria a autonomia, se é que posso utilizar a expressão de Kant; a força para a reflexão, para a autodeterminação, para a não-participação...”

Lidamos com muitos conflitos ao entrar em sala de aula, queremos um mundo melhor, com seres humanos melhores. Educamos para isso, tentamos humanizar nossos alunos, se isso será o suficiente para prevenção a horrores que a humanidade passou, não sabemos.

Uma das formas de educar para a autonomia é comprometer o indivíduo afetivamente, porque a autonomia exige gostar de si mesmo, de acreditar nas potencialidades individuais, é se gostar para poder atuar independente a críticas, com iniciativa e fé.

4.1 Relações Entrelaçadas na Sala de Aula

Janusz Korczak no livro Quando Eu Voltar a Ser Criança faz uma referência à forma de tratamento da professora para com uma atividade que ele realizou:

- Dá licença? Entrego-lhe o caderno e digo: - Por favor. Ela examina os desenhos mais antigos, e esse último. [...] – Bem agora descanse. Fechou o caderno e o colocou cuidadosamente na minha frente, sobre a carteira. Com cuidado e equilíbrio. Ocorreu-me logo que, se fosse professor outra vez, nunca iria jogar os cadernos, nem riscar com linhas grossas coisas que o aluno escreveu errado, até a tinta espirrar... (KORCZAK, 1990, p.42)

Com esta citação quero afirmar quão benéfico é o resultado quando a intervenção do professor é positiva. Exemplificarei com uma experiência vivenciada em meu estágio:

Houve o episódio em que na saída do filme que assistimos (quarta-feira) um aluno, que é calmo, paciente, agrediu o outro com um soco que deixou o rosto do colega machucado, encaminhei o aluno até a secretaria, cumprindo as regulamentações sobre sanções e advertências da escola, expliquei o caso ao diretor, que ficou com o aluno agressor retido, enquanto eu atendi o agredido colocando gelo no local do soco.

O aluno agressor tem um pai violento, que pega pesado quando é para puni-lo, o que de certa forma explica a atitude do menino, então no final da aula, no momento em que o aluno levaria a advertência para casa, fui conversar com o diretor para que a família não fosse comunicada, uma vez que o aluno mostrou-se arrependido, e pensei que não resolveríamos o problema da violência gerando mais violência.

Conversei com o aluno, pois conforme Martins (2009) “Tratar o aluno agressivo na escola com gritos, castigos e palavras de baixa auto-estima (você é horrível, mal comportado, não agüento mais você, não quero você na minha sala) aumenta mais a agressividade da criança.” e disse a ele que eu estou presente para auxiliá-lo a resolver as situações, devemos ser parceiros, e quando acontecesse algo com o qual ele não consegue lidar, que eu deveria ser comunicada para resolver e não com violência, e que por isso não comunicaríamos o seu pai.

Quando o aluno consegue perceber que como ele, temos sentimentos, ficamos frustrados, inseguros, otimistas, felizes, ou tantas outras demonstrações sentimentais, reconhece no professor um ser humano, que igual a ele vive, influenciado pelos fatos da vida diária. O que não deve acontecer é que o professor devido a essas vivências deixe-se influenciar preconceituosa ou sentimentalmente em casos específicos.

Herdamos da educação tradicional a idéia que demonstrar sentimentos é sinal de fraqueza, de que devemos nos mostrar imbatíveis super heróis perante os nossos alunos. E que ao ser sentimental perderíamos o controle da sala de aula, pois estaríamos expondo nossas fraquezas.

Ao longo dos anos, aprendi que ser inteiro em sala de aula é uma forma de conquistar a confiança dos alunos e pais. Pois no momento em que nos expomos, demonstramos ser tão humanos quanto eles e que o que acredito ser bom para mim serve também para eles, em termos de humanidade. Se expor reflete humildade portanto conforme Freire, 2005: “ Os homens que não têm humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros na pronuncia do mundo.”

Trago um exemplo de um fato que aconteceu no estágio, que seria o fechamento de uma semana inteira de estudo sobre autores que estariam presentes na XVIII Feira do Livro de Sapiroanga:

Na sexta-feira, não foi possível realizar a visita à XVIII feira do Livro, pois estava chovendo muito, e esta atrapalhou nossos planos. Os alunos ficaram muito frustrados, e eu também. Mas nesse momento aproveitei para comentar que muitas vezes as situações nem sempre são exatamente como esperamos e temos que aprender a lidar com nossas frustrações. E mesmo com eles muito chateados disse que nossa aula continuaria, mas não prometi compensações, se meu objetivo era o de aprender a lidar positivamente com as frustrações, não quis dar “compensações”, como um filme, ou uma aula mais “light”. Muito pelo contrário, aproveitei a aula para fixarmos os cálculos, e fiz uma técnica que fazia a alguns anos, com turmas anteriores, passava dez cálculos no quadro, e assim que terminavam eu corrigia e devolvia aos alunos questionando onde eles tinham errado ou como tinham pensado para chegar ao resultado.

Essa foi uma aula muito positiva, pois consegui dar atendimento individual para todos os alunos, consegui explicar dúvidas e entender alguns erros que cometiam.

Fomos sanando dúvidas, trocando, conversando, e foi uma aula muito tranqüila; havia um clima amistoso no ar, de parceria, de troca. Talvez pelos alunos notarem que eu estava tão chateada quanto eles. Ao dividirmos a frustração, fortalecemos nossa relação. Haetinger, 2005, p.27, afirma que: **“Sendo a emoção intrínseca a qualquer ação humana, seja de forma direta ou indireta, a dimensão afetiva permeia e estrutura as outras dimensões do nosso ser. Até mesmo a dimensão cognitiva é permeada pela afetividade. Devido a esses fatores, precisamos valorizar a dimensão afetiva em todas nossas ações pedagógicas, a fim de favorecer as relações interpessoais e intrapessoais dos alunos, enriquecerem suas interações e, conseqüentemente, facilitar seus aprendizados.”**

Fortalecer laços em sala de aula é um exercício contínuo. Pois lidamos com diferentes seres humanos que são influenciados por suas histórias pessoais e revelam-se gradativamente. Revelar-se numa sala de aula requer audácia, requer confiança. E, para tal exercício, nada mais recomendado que o diálogo.

Quando existe o diálogo entre educador e educando, este é uma forma de valorizar o ser em sua essência humana, pois a existência está diretamente vinculada ao diálogo, pois “Existir humanamente, é pronunciar o mundo...” Freire, 2005. Eis a importância de levar em consideração o que os educandos falam e quão ricas são suas vivências, se permitimos que eles utilizassem essa vivência nos diálogos e principalmente na prática escolar, estaremos valorizando a vida do educando.

Uma vez que esse educando vê sua vida sendo valorizada, passa a dar outro significado para a escola. Vê na escola uma forma de prática de vida, ou seja, uma prática onde exercita sua existência aperfeiçoa-a nas inter relações com o outro, com o mundo e consigo. “ Se é dizendo a palavra com que, [pronunciando] o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens.” (FREIRE, 2005)

Freire, 2005, afirma que “A fé nos homens é um dado a priori do diálogo.” A priori no sentido de que no momento que passo a ouvir meu educando acredito nele, tenho fé em seu potencial e em todas as conseqüências implícitas nesse ato.

Quando o educador se assume como tal, com compromisso perante a comunidade que está inserida, faz o ato de educar um exercício de amor e libertação, pois segundo Freire, 2005 “ Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens.” O poder que a palavra está além do exercício da fala, traz consigo um ato de amor, fé, confiança, humildade, humanidade e, sobretudo, prática, uma prática crítica, que sendo verbalizada, interage com o outro e leva a mudanças sociais tão desejadas.

Trago um exemplo de diálogo dirigido, onde ouvi meus alunos, mas direcionei-o, através de questionamentos, para visualizarem o que estava além da idéia inicial que o texto apresentava. Neste exemplo percebe-se a incorporação do diálogo, e desta forma uma possível mudança de paradigma:

Realizamos leitura e compreensão textual do texto: Maria-vai-com-as-outras, de Sylvia Ortofh, que foi uma atividade muito interessante, na qual conversei com os alunos, do porque desse texto, referir-se à ovelhas, de eles sabiam, como falaram respostas do tipo: “A autora quis”, expliquei a eles que na verdade as ovelhas andam umas atrás das outras, em fila, e vão onde as outras vão; Procurei ao longo da conversa trazer para o assunto que eu queria abordar que era imitar os outros para ser aceito no grupo. Fui fazendo questionamentos, sobre moda, sobre comportamento, sobre atitudes, deles em relação aos grupos.

Então abordei a seguinte questão: um grupo igual terá crescimento? Alguns alunos responderam que sim, mas a maioria achou que não muito. Dei um exemplo simples a eles, que eles adoraram: se num grupo todos souberam só plantar alface, serão espertos em plantação de alface, mas se alguns souberem plantar cenoura, outros tomate, a horta vai ficar mais bonita.

Obtive resultado praticamente imediato dessa conversa quando realizei a atividade que veio a fechar a semana, onde eu havia planejado realizar um desenho sobre o horizonte. Solicitei a eles que baixassem a cabeça e imaginassem o horizonte, após, que fossem mentalmente até o horizonte e olhassem o que existia além dele, e esse olhar além, o que visualizavam além de seu horizonte, o que imaginavam que estava ali. Solicitei que desenhassem o que imaginaram.

Não deixei que compartilhassem com ninguém sua idéia, sua imagem, apenas depois de finalizado o desenho. Quando todos finalizaram, questionei sobre a possibilidade de um ou mais alunos terem visto a mesma coisa e todos foram categóricos afirmando que não. Então perguntei por quê. Eles me responderam que era como eu mesma falava: somos todos diferentes e vemos as coisas de um jeito diferente. E um aluno mencionou a história das alfaces, dizendo: “ Lembra “sora”, os alfaces, cada um tem seu saber, cada um vai imaginar o seu horizonte.” Conforme Frischenbruder (2002, p.141)

que cita Wallon, onde ele afirma que: “ O indivíduo é um ser geneticamente social.” E dentro deste contexto, quero auxiliar meus alunos a crescerem, não apenas como estudantes, mas também como cidadãos, que tem o social como base para conquistas. Que valorizam a convivência e toda a pluralidade que ela nos dá.

A conquista afetiva de um aluno é, entre outras coisas um compromisso, pois tenho que manter aquele que conquistei. Sou responsável pela minha conquista.

Se um aluno tem afeto por mim, não posso deixá-lo passar por mim sem levar consigo um pouco de mim. Um olhar, um sorriso, um abraço, até mesmo uma bronca se fez algo impróprio. Afeto tem significado complexo quando estudado cientificamente. Mas é simples quando visto do coração. E é com base nesse olhar que falo da responsabilidade de cultivar o afeto.

4.2 Limites & Afetividade

Limite é até onde posso ir independente de se tratar de um território, de um precipício ou de um lago profundo. O limite é minha linha de contenção.

Trazendo-o para a sala de aula, posso afirmar baseada nos meus anos de prática que o limite é extremamente necessário para que haja aprendizado. Não falo no limite determinado pela educação classista que impõe ao aluno o modo certo de sentar, de falar, organizar seu material, está é podadora, tira a criatividade. Falo de limites no sentido de respeito ao outro como ser humano. O limite em que reconheço no outro, um ser humano como eu. Zagury, 2003, p.43, afirma que:

A criança que não aprende a ter limite cresce com uma deformação na percepção do outro. Só ela importa, o *seu* querer, o *seu* bem-estar, o *seu* prazer. O egocentrismo, natural nos primeiros anos, mas que deve diminuir, nesses casos, nessa etapa, está exacerbado, só cresce.

Ela também aponta como consequências para a falta de limites o desinteresse pelo estudo, a falta de concentração, não consegue suportar qualquer dificuldade, não tem persistência e um desrespeito pelo outro bastante acentuado.

Existe um ditado popular muito bem aplicado, que diz: “O que não é bom para mim, não é bom para os outros.” Não trazendo aqui a discussão de gostos, mas sim de atitudes. Quando faço referência ao que é bom, quero dizer que muitas vezes nos deparamos com atitudes tomadas pelos alunos que não seriam aprovadas por eles se a eles fossem destinadas.

Para exemplificar quero relatar um fato ocorrido há alguns dias em minha sala de aula:

Um aluno “A” deu um tapa no rosto do aluno “B” porque este levantou a cortina e bateu sol nos olhos do aluno “A”

Minha interferência foi a de questionar se essa atitude era necessária, se não seria mais civilizado pedir ao colega que baixasse a cortina.

O aluno agressor defendeu-se dizendo que havia pedido, mas que o outro o ignorou.

Questionei-o se a agressão, na opinião dele é uma forma de fazer os outros realizarem o que pedimos. E que se isso garantiria a aplicação de sua vontade.

Ele ficou pensativo.

Questionei-o também, que se essa atitude fosse inversa e acontecesse com ele de um colega agredi-lo, como ele se sentiria. Ele adotou uma postura de arrependimento, baixou os olhos, pedindo desculpas suavemente.

Neste caso, pude falar com meus alunos desta forma, pude questioná-los sobre o que pensam, pois este é um resultado de um exercício contínuo de limites e afeto, muitos questionamentos e muitas intervenções. Ao contrário do que alguns pensam, segundo Zagury, 2003, dar limites não é oposto a dar amor, carinho, atenção e segurança.

Quando trazemos exemplos para os alunos de situações em que eles podem colocar-se no lugar do outro, damos oportunidade deles refletirem e incorporarem para vida tal exercício. Exemplificarei com um fato ocorrido com um de meus alunos:

Existem alunos de inclusão na nossa escola, não em minha turma, mas em outras, este fato ocorreu entre um aluno de inclusão de outra turma que chamarei de aluno “B” e um de meus alunos que chamarei de aluno “A”.

Na hora do recreio, o aluno “A” estava incomodando o aluno “B”, brincando com ele, mas de forma pejorativa, muitas vezes isso acontece, porque o aluno “B”, não conseguindo lidar direito com suas emoções, fica irritado facilmente, o que de certa forma agrada os outros alunos.

Nesse dia o aluno “A” pegou a bola do aluno “B” e jogou sobre o muro da escola. A situação foi resolvida, mas no final do recreio o aluno “B” veio até eu reclamar do aluno “A”.

Conversei com o aluno “A”, chamando-o para fora de sala de aula, dizendo para ele que não importa de como a pessoa é, nem a idade que ela tem, ela deve ser respeitada, para ele pensar se ele gostaria que agissem com ele como ele agiu com o colega, ele parou e pensou, dizendo que não seria bom.

No dia seguinte, outros alunos estavam incomodando o aluno “B”, o aluno “A” interveio, fazendo a eles os mesmos questionamentos que eu fiz. Essa atitude chamou atenção de outra professora, que cuidava do recreio e que mais tarde chamou o aluno “A” para elogiá-lo pela intervenção.

Na situação ocorrida eu poderia ter recriminado o aluno, brigado, afinal de contas ele passou dos limites com outro colega. (FREIRE, 1996, p. 106,) afirma que “A liberdade amadurece no confronto com outras liberdades...” Portanto, se eu tomasse esse tipo de atitude, estaria sendo tão agressiva quanto ele, exercendo o poder da autoridade, não estaria auxiliando-o a resolver seu conflito interno, que está refletido na forma como ele lida com os outros, chamando a atenção, mesmo que seja negativamente, para si.

Com meu questionamento ajudei meu aluno a ser visto de forma positiva, o que é uma vitória para ele, que vem com um histórico de reclamações, punições e atitudes agressivas. Ou seja, ajudei-o a refletir sobre sua liberdade. Zatti, 2007, afirma que:

O educador, que em sua prática busca promover a autonomia dos educandos, deve estar atento à relação autoridade-liberdade. Para que haja a necessária disciplina sem haver autoritarismo ou licenciosidade, o equilíbrio entre ambas é necessário. [O autoritarismo é a ruptura em favor da autoridade contra a liberdade e a licenciosidade, a ruptura em favor da liberdade contra a autoridade] (FREIRE, 2000, p. 99). Assim o autoritarismo não é mais autoridade,

mas abuso de autoridade, a licenciosidade não é mais liberdade, mas depravação da liberdade. Ambos são nocivos à autonomia, já que o autoritarismo mantém o educando excessivamente dependente da autoridade e poda a liberdade de escolher e fazer por si mesmo. Já a licenciosidade impede a aprendizagem da auto-responsabilização e permite que o educando se torne dependente dos próprios impulsos e desejos. (ZATTI, 2007,s.p.)

A caminhada com uma turma, as conquistas realizadas, as aprendizagens cognitivas e emocionais, são um constante ir e vir, muitas vezes é necessário retomar, começar de novo, explicar de novo, mudar o posicionamento, aprender, conhecer, reconhecer. Vai se adiante, mas retorna-se, não sendo algo conclusivo, pois o ser humano não é um ser concluído, está em constante renovação, aprendizado, construção de si, de suas percepções do outro e do mundo, e das relações que mantém com os mesmos.

5. CRESCENDO COM A CONVIVÊNCIA

Olhando para trás percebo quanto crescemos em termos de turma neste ano letivo e isso se dá grande parte pela forma afetiva que me dispus a realizar meu trabalho. Sem afetividade, não há como atingir o outro, nem ver o outro, não há como interagir com o outro.

Quando, em situações diárias, recebemos um sorriso, atenção de um balconista, de um cobrador de ônibus, quando uma pessoa passa por nós e nos dá bom dia! Quanta diferença essas atenções simples, fazem na correria que é nossa vida. Faz bem sermos vistos. Faz bem sermos bem tratados. E, nós somos adultos.

Uma criança precisa ser bem tratada. Precisa ser respeitada e amada, com todos seus conflitos, medos e frustrações. Não há como ser indiferente aos alunos com os quais convivemos um ano inteiro. Não há como não se envolver.

Essa postura que cultivo, faz com que eu tenha um excelente relacionamento com os alunos e com seus familiares, porque no momento em que cativamos os filhos, os pais passam a respeitar-nos e valorizar-nos, pois percebem que nossa preocupação com seus filhos é verdadeira, é sentimental.

Mas de que forma todos esses sentimentos e laços auxiliam no aprendizado?

Quando os alunos estão envolvido sentimentalmente, confiam no professor, e sabem que este estará auxiliando-os a desenvolverem-se através dos conteúdos. Sabem que o professor será criterioso ao selecionar conteúdos, e não apenas despejará neles atividades para que se ocupem.

Trago um exemplo dessa afirmação num relato que fiz vivenciado em meu estágio:

Deparei-me, nesta semana, com um conflito a que venho tendo ao longo dos anos em que trabalho: Sobre o significado de copiar textos extensos (anexo 2), do quadro.

Questiono-me sobre a cópia de textos extensos, pois este é um sistema que vejo como cansativo e de pouco retorno no sentido de aprendizagem. Quando os alunos copiam, muitos deles demoram em

fazê-lo, o que dispersa os mais rápidos, gerando conflitos e distrações, inclusive daqueles que ainda não acabaram. Se o texto é muito longo, não se consegue lê-lo ou explicá-lo em sala de aula, que fica muitas vezes para a aula do outro dia, o que atrapalha o rendimento do planejamento, bem como a compreensão do texto e o sentido de utilizá-lo.

Concluí que os textos muito longos devem ser xerocados e passados aos alunos, que em vez de perderem tempo copiando-o, terão este tempo para ler, refletir e debater sobre o conteúdo em questão.

Copiar do quadro era algo necessário, na medida em que se tinha a intenção de conter os corpos, de tornar os indivíduos meros copiadores. O que certamente não é a minha intenção em sala de aula. Quero formar pensadores comunicativos e não copiadores passivos.

Lidando com emoções, gostos e personalidades tão distintas, nós professores devemos compreender as ações e reações dos alunos em sala de aula. Pois as vezes, a indisciplina gerada por uma aula cansativa e chata, pode ser atribuída aos alunos, sendo responsabilizados por uma reação à ação incorreta do professor.

Somente sendo sensíveis e preocupados com aprendizados concretos, que conseguimos nos dar conta dessas e outras intervenções, aparentemente insignificantes, mas que desencadearão novas indisciplinas se permanecermos cometendo os mesmos erros.

Cury, 2003, p.109, afirma que: “Ensinar a matéria estimulando a emoção dos alunos desacelera o pensamento, melhora a concentração e produz um registro privilegiado.” Nesse sentido Tardiff afirma também que:

O docente raramente atua sozinho. Ele se encontra em interação com outras pessoas, a começar pelos alunos. A atividade docente não é exercida sobre um objeto, sobre um fenômeno a ser conhecido ou uma obra a ser produzida. Ela é realizada concretamente numa rede de interações com outras pessoas, num contexto onde o elemento humano é determinante e dominante e onde estão presentes símbolos, valores, sentimentos, atitudes...(TARDIFF, 2003, p. 49 e 50).

5.1 Estratégias de manifestação de afeto

Com o intuito de mostrar aos pais a evolução dos alunos em termos de participação, de compromisso e afetividade, realizamos a apresentação de uma música, a qual os alunos representaram através de fotos, organizadas em um Power Point seus versos. Essa apresentação comoveu as mães que pediram cópias em CDs da apresentação.

Eis uma das fotos:



Esta é uma das fotos onde representamos a frase: "você é a tradução do que é o amor". Música da Banda Cogumelo Plutão, Espera na Janela. (Anexo 01)

Através dessa apresentação, os alunos tiveram oportunidade de demonstrarem seus sentimentos, de engajarem-se num manifesto artístico que representaria seu amor pelas mães.

Quando a escola oportuniza formas de demonstrar respeito e afetividade pelos familiares da criança que ela sente-se integrada e parte da escola, sente-se segura. Pois está tendo oportunidade de mostrar na escola seus sentimentos pelos seus familiares. Seu cotidiano, sua família está sendo valorizada.

Acredito que quando o aluno tem oportunidade de manifestar-se, ele aprende a conhecer-se. Aprende seus limites, eleva sua auto-estima, pois é visto pelos outros de maneira positiva.

Encontrei uma forma de trabalhar com essa turma que foi muito proveitosa: os grupos. Levei aos alunos a sugestão de sentarem em grupos, e eles aprovaram a idéia, então para haver engajamento, e evitar algumas “panelinhas”, a escolha dos grupos foi relatada em meu estágio aconteceu da seguinte forma:

Esta semana foi curta, mas houve resultados positivos. Consegui, de certa forma, alcançar uma de minhas expectativas em relação ao estágio, um dos meus objetivos, que é o de resgatar com a turma respeito ao próximo e a possibilidade de crescimento individual e do grupo.

Consegui isto através de uma estratégia que bolei para organizar grupos que se deu da seguinte maneira: Propus aos alunos que escolhesse, através de votação, um colega que admiram, que respeitam como aluno e que seja dedicado, educado, que coopere com as aulas, tire boas notas, enfim, que fosse um exemplo para si próprio.

Os alunos mais votados seriam os líderes de cada grupo.

E após apuração de votos e escolhidos os seis mais votados, por ser seis grupos, cada aluno escolheu a qual grupo queria pertencer, ou seja, com qual dos líderes escolhidos queria sentar.

Houve alguns protestos, mas democracia é democracia e nada mais democrático que o voto. Ao mesmo tempo a maioria dos alunos teve autonomia de escolher com qual líder queria sentar, não completamente pelo número de componentes dos grupos serem limitados (apenas quatro).

Nestes grupos os alunos vão sentar pelos dias seguintes. E, através destas escolhas, os alunos demonstraram maturidade e comprometimento, principalmente no momento em que passaram a resolver atividades que propus a eles. Os alunos assumiram o compromisso de trabalhar em grupos, de resolverem as atividades através de trocas e parcerias, o que deu muito certo. Observando-os fiquei comovida ao ver seu empenho para que nossos combinados dessem certos.

Trago para ilustrar e justificar minha proposta uma poesia de Madalena Freire (2005, p. 30 e 31):

EU NÃO SOU VOCÊ, VOCÊ NÃO É EU

*Eu não sou você
Você não é eu
Mas sei muito bem de mim
Vivendo com você.*

*E você, sabe muito de você vivendo comigo?
 Eu não sou você
 Você não é eu.
 Mas encontrei comigo e me vi
 Enquanto olhava pra você
 Na sua, minha insegurança
 Na sua, minha desconfiança
 Na sua, minha competição
 Na sua, minha birra infantil
 Na sua, minha omissão
 Na sua, minha firmeza
 Na sua, minha impaciência
 Na sua, minha prepotência
 Na sua, minha fragilidade doce
 Na sua, minha mudez aterrorizada
 E você se encontrou e se viu, enquanto olhava pra mim?
 Eu não sou você
 Você não é eu.
 Mas foi vivendo minha solidão
 Que conversei com você
 E você, conversou comigo na sua solidão?
 Ou fugiu dela, de mim e de você?
 Eu não sou você
 Você não é eu
 Mas sou mais eu, quando consigo lhe ver.
 Porque você me reflete
 No que eu ainda sou
 No que já sou e
 No que quero vir a ser...
 Eu não sou você
 Você não é eu
 Mas somos um grupo, enquanto somos capazes
 de, diferenciadamente,
 eu ser eu, vivendo com você e
 você ser você, vivendo comigo.*
 (Madalena Freire)

Acredito que foi uma vitória de todos, pois através de uma estratégia, onde engajei os alunos nas escolhas de seus parceiros, estes passaram a assumir melhor as responsabilidades de alunos. Dunke, afirma que:

Assim, podemos dizer que não é no silêncio que as pessoas se formam, mas sim através do “vai e vem” da palavra, da ação-reflexão-ação e, principalmente, através do amor, pois sem amor o diálogo não é possível. O amor transforma as palavras em diálogo, no entanto, sem amor, as mesmas se perdem ao vento do esquecimento. O amor e o diálogo são co-irmãos, não andam separados e carregam consigo a humildade, o respeito e a esperança na transformação (DUNKE, 2006,s.p.).

Em grupos os alunos passaram a conhecerem-se, aceitarem-se e admirarem-se melhor, pois puderam trocar, discutir, dialogar, enfiam, aprender a viver e conviver com o outro.

A proposta desses grupos foi justamente essa, uma forma de interagir com o outro, para aprender a conhecê-lo verdadeiramente e com isso respeitá-lo.

O crescimento dos alunos em termos de convivência, a afetividade e o amor com o próximo é evidente. Passaram a aceitar melhor uns aos outros e a si mesmos. Deparo-me diariamente com manifestações deste afeto, seja na chegada, com abraços e beijos, conversas animadas, onde os alunos concorrem para contar-me as novidades, ou seja na saída quando a maioria não sai sem dizer “Tchau Sora! Até amanhã!” Beijando e abraçando-me!

Alunos que não conversavam hoje vão juntos para casa. Existe um clima amistoso, de tolerância, de amizade que anteriormente não existia.

A melhora dos alunos está evidenciada na manifestação de suas atitudes e também quando realizam trabalhos, eles colaboram entre si, criticando, cobrando, elogiando, apreciando o outro, respeitando as diferenças.

Para finalizar quero trazer um trabalho que fiz recentemente com os alunos, onde levei para eles a música “Gentileza” de Marisa Monte. (anexo3)

Contei um pouco da história do Profeta Gentileza que inspirou a música e pesquisamos informações em blogs.

Para finalizar, propus aos alunos que criassem frases de gentileza e conforto para as outras pessoas, as quais seriam afixadas pela escola.

As frases criadas foram as seguintes:

“Você é o solda minha praia!” Rodrigo;

“Você é a luz no final do túnel!” Igor

“O mundo é uma escola.”Camila

“Você é especial!” Andrisa

“Você é um anjo do céu!” Adriane

“Não desista! Você vai conseguir!” Andréa

“Você é uma estrela brilhante no céu!” Wesley

“A vida é uma circo!”Lucas

“Nunca deixe de sonhar...” Graziela

“Amor palavra que liberta.” Luã

“A vida deve ser vivida como uma constante brincadeira.”
Andressa

“O amor não é aquilo que queremos sentir... Mas sim aquilo
que sentimos sem querer” Gabriel

“A esperança é a última que morre.” Kelvin

“O sol nasce prá todos...” Ana Caroline

“Você é a luz que me ilumina.” Diéssica

“O carinho é de todos.” Ruam

“Você é a estrela que me ilumina.” Wellington

“Eu vejo flores em você.” Suélem

“Você é o lar de meu coração.” Francisco

“Acredite nos seus sonhos.” Alan

“A vida é um doce!” Ana K.K.

“Você é a luz que ilumina minha escuridão!” Darlan

“Você é um amor!” Taís

“Você é luz que brilha no meu coração!” Natan

“Há sempre uma esperança!” Ana R.

Surpreendi-me com o resultado dessa atividade. Meus alunos tornaram-se pequenos profetas de gentileza. Trouxe-e o conforto e a certeza de estar no caminho certo para a educação integral do ser humano, formando o cognitivo juntamente com o afetivo, e que haja entre eles uma dependência de não conseguirem existir um sem o outro.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi o de trazer reflexões e vivências pessoais, relacionadas com teorias de forma que fosse possível comprovar que quando o professor tem como propósito um trabalho onde ressalta as relações humanas afetivamente obtém resultados positivos, sob o ponto de vista da formação integral do ser humano.

Neste trabalho mostrei que exercitando o amar, não o amar descompromissado, mas sim o amar que remete a humanidade do ser. Assumindo uma postura tolerante, não de tolerância para a licenciosidade, mas tolerância para a expressão do outro em relação a suas opiniões, seus conflitos, suas imperfeições, é possível haver mudanças de postura para alunos rotulados como indisciplinados.

Posso afirmar que esta prática da Pedagogia do Afeto, que assim chamo por ser uma forma de trabalho do professor, uma forma diferenciada de dirigir as aulas, e um modo que influencia todas as práticas de sala de aula. Ou seja, influencia no planejamento, na aplicação dos planos de aula, na avaliação das aulas e dos alunos, na forma com que tratamos os alunos, os colegas e toda a comunidade escolar, na forma como resolvemos os problemas, na forma de ver nosso aluno, na posição frente aos ensinamentos/aprendizados, esta forma de trabalho é distinta pelo fato do afeto ser um ingrediente ativo no seu desenvolvimento.

É visível o crescimento integral dos alunos quando envolvidos por uma prática pedagógica onde o afeto é presente. Está implícito na forma de abordarem uns aos outros, na forma com que assumem postura de indivíduos preocupados e ocupados com o bem estar alheio. No compromisso que assumem quando são lembrados das combinações, nas atitudes afetivas que devem manter, na autoridade que cobram uns aos outros as mudanças conquistadas. No olhar. No sorriso. Nos gestos. Enfim, é possível verificar mudanças, principalmente na confiança, na fé que tem neles mesmo e nos colegas.

Principalmente é possível perceber a alegria, o entusiasmo e a dinâmica que essas mudanças proporcionaram aos alunos, reduzindo as faltas, melhorando a qualidade dos trabalhos realizados e a cooperação comigo, quando à ordem, quanto

ao andamento das aulas, quanto ao comprometimento dos alunos com os aprendizados.

Ao final do trabalho, posso afirmar que quando plantamos sementes de amor, de fé, de beleza, num exercício constante de cultivar as sementes do bem é possível vê-las germinar.

Sendo o exercício de amor uma constante em sala de aula, por ser com seres humanos que trabalhamos, os reflexos positivos desse aparecem em pequenas ações, em pequenas mudanças, mas que nos dão a certeza de estarmos no caminho certo para uma educação para a humanidade e com qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ADORNO, T. W. **Educação após Auschwitz** - Reproduzido de ADORNO, T. W. *Erziehung nach Auschwitz*, In: *–.Stichworte; kritische Modelle 2*. Frankfurt, Suhrkamp, 1974. Trad. por Aldo Onesti.

ALVES, Rubem. **Educação dos Sentidos**, Campinas, Verus, 2005

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental, **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais, Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, MEC/SEF, 1997.

_____. Secretaria de Educação Fundamental, **Parâmetros Curriculares Nacionais**: apresentação dos temas transversais, ética, Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, MEC/SEF, 1997.

BOCK, Ana Mercês Bahia, FURTADO, Odair, TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi, **PSICOLOGIAS: Uma introdução ao Estudo de Psicologia**, São Paulo, Saraiva, 1999.

CURY, Augusto, **Pais brilhantes, Professores fascinantes**, Rio de Janeiro, Yangraf Gráfica e Editora Ltda, 2003.

DANTAS, Heloysa. **A Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo, Moderna. 1999.

DUNKE, Joel Luis, **Diálogo com crianças na perspectiva de Freire**, Revista Eletrônica, "Fórum Paulo Freire", Ano 2, nº 2, Agosto 2006. <http://www.ufpel.edu.br/fae/paulofreire/novo/br/pdf/Joel%20Luis%Dunke.pdf>. Consultado em junho 2010.

FREIRE, Paulo, **Educação e Mudança**, São Paulo, Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**, São Paulo, Paz e Terra, 1996.

_____ **Pedagogia do Oprimido**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

_____ **Professora Sim, Tia Não, cartas a quem ousa ensinar**, São Paulo, Olhodagua, 1993.

FRIESCHENBRUDER, Sandra Laura, **Psicologia: Estudos e Reflexões – Grupos e Instituições**, Novo Hamburgo, Feevale, 2002.

GALVÃO, Izabel, **Henri Wallon: Uma Concepção Dialética do Desenvolvimento Infantil**, Petrópolis, Editora Vozes, 2001.

HAETINGER, Max G., **O Universo Criativo da Criança na Educação**, Brasil: Instituto Criar, 2005.

KORCZAK, Janusz, **Quando eu voltar a ser criança**, São Paulo, Círculo do Livro, 1990.

MARTINS, Maria Audenora das Neves Silva
<http://portaldovoluntario.org.br/blogs/67588/posts/4094>, consultado em julho 2010.

PDE- **PLANO DE DESENVOLVIMENTO DA ESCOLA**, Centro Municipal de educação Érico Veríssimo - Unidade de ensino Fundamental, Sapiranga, 2010.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da, **GEMPA, Grupos Áulicos A Interação Social na Sala de Aula**, Porto Alegre, Editora Pallotti, 2005.

SALTINI, Cláudio J. P., **Afetividade e Inteligência**, Rio de Janeiro, DP&A Editora, 1997.

TARDIFF, Maurice, **Saberes Docentes & Formação Profissional**, Petrópolis, Editora Vozes, 2002.

TASSONI, Elvira Cristina Martins, **Afetividade e Aprendizagem: a relação professor-aluno**, <http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/2019t.PDF>, consultado em agosto 2010.

WALLON, Henri, **A evolução Psicológica da Criança**, São Paulo, Ática, 1986.

WADSWORTH, Barry J., **Inteligência e Afetividade da Criança na Teoria de Piaget**, Pioneira, São Paulo, 1997.

ZAGURY, Tânia, **Educar sem Culpa**, Rio de Janeiro, Record, 2002.

_____ **Limites sem Trauma**, Rio de Janeiro, Record, 2003.

ZATTI, Vicente, **Autonomia e educação em Immanuel Kant e Paulo Freire** / Vicente Zatti, Porto Alegre, EDIPUCRS, 2007.
<http://www.pucrs.br/edipucrs/online/autonomia/autonomia/autonomia.html> Publicação Eletrônica, consultado em outubro de 2010.

ZIMERMAN, David E. **Como trabalhamos com grupos**, Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

Anexos:

Anexo A - Letra da música que foi apresentada em forma de Power Paint, por minha turma:

Esperando na janela

Cogumelo Plutão

Quando me perdi
Você apareceu
Me fazendo rir
Do que aconteceu
E de medo olhei
Tudo ao meu redor
Só assim enxerguei
Que agora eu estou melhor

(Refrão)

Você é a escada da minha subida
Você é o amor da minha vida
É o meu abrir de olhos do amanhecer
Verdade que me leva a viver
Você é a espera na janela
A ave que vem de longe tão bela
A esperança que arde em calor
Você é a tradução do que é o amor
E a dor saiu

Foi você quem me curou
Quando o mal partiu
Vi que algo em mim mudou
No momento em que quis
Ficar junto de ti
E agora sou feliz

Pois lhe tenho bem aqui

(Refrão)

Você é a escada da minha subida
Você é o amor da minha vida
É o meu abrir de olhos do amanhecer
Verdade que me leva a viver
Você é a espera na janela

A ave que vem de longe tão bela
A esperança que arde em calor
Você é a tradução do que é o amor
Quando me perdi
Você apareceu
Me fazendo rir
Do que aconteceu
E de medo olhei
Tudo ao meu redor
Só assim enxerguei
Que agora eu estou melhor
Estou melhor!

ANEXO B – Exemplo de texto que mencionei ser “grande” para ser passado no quadro.

A doença da Terra

Um dia a Terra começou a tossir: cof, cof... cof...

O Sol, ainda sonolento, acordou apavorado. O susto foi tão grande que ele começou a gaguejar:

--- O-o-o-q-q-que-que-fo-fo-foi, Terra?

A Terra com cara abatida, respirava com dificuldade.

--- O que foi Terra? Tornou a perguntar o Sol.

--- Estou a cada dia pior! Ontem passei mal o dia todo! E enquanto falava, olhava bem para o Sol, para ver se ele estava mesmo compreendendo ou se estava achando aquilo "coisa de mulher".

Bastante assustado, porém o Sol correu a buscar um xarope. A Terra, ao ver o remédio, deu uma torcidinha na montanha que lhe servia de nariz:

--- Não, obrigada! Xarope não cura minha doença, não!!

O Sol já meio bravo com tantos chilikques da Terra, perguntou com voz grave e enfezada:

--- O que pode curar você, então?

--- Cof,cof...cof... os homens, só os homens! Respondeu a Terra, sofrida.

--- Por que os homens? --- Perguntou o Sol curioso.

--- Cof,cof...cof... porque são eles os culpados. Dê uma espiadinha para ver como eles poluem tudo, destroem tudo, acabam com tudo.

O Sol deu uma olhadinha para baixo e não gostou nem um pouquinho do que viu.

No Amazonas, os homens cortavam a Dona Verdinha, uma castanheira com mais e cem anos de idade. No Pantanal, caçavam os animais para vender a pele, o couro...

Nos rios, os homens jogavam lixo, latas de venenos, matando os peixes, poluindo toda a água.

Nas cidades grandes, as fábricas e os carros soltavam no ar fumaças pretas que acabavam com os pulmões de toda gente.

--- Para você ter uma idéia --- disse a Terra ---, muitas crianças já estão nascendo com problemas de respiração. E os adultos, ah! não há pulmão que aguente!! cof,cof...cof...

Quando o Sol terminou de ver tudo isso, escondeu disfarçadamente o vidrinho de xarope, compreendendo, afinal, que a Terra tinha razão...

O remédio para a doença da Terra não podia ser comprado em nenhuma farmácia. O remédio para a doença da Terra chamava-se **amor e respeito à natureza**, e isso era coisa que só podia ser encontrada no coração das pessoas.

Maria Aparecida Pinceratti

credeal

Anexo C – Letra da música com a qual fiz o trabalho sobre as frases dos cartazes de gentileza.

GENTILEZA

MARIZA MONTE

Apagaram tudo
Pintaram tudo de cinza
A palavra no muro
Ficou coberta de tinta

Apagaram tudo
Pintaram tudo de cinza
Só ficou no muro
Tristeza e tinta fresca

Nós que passamos apressados
Pelas ruas da cidade
Merecemos ler as letras
E as palavras de Gentileza

Por isso eu pergunto
À você no mundo
Se é mais inteligente
O livro ou a sabedoria

O mundo é uma escola
A vida é o circo
Amor palavra que liberta
Já dizia o Profeta